



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA

A SUBJETIVIDADE DA DEPENDÊNCIA
QUÍMICA NA ADOLESCÊNCIA

VANESSA DE MELLO TORRES

BRASÍLIA
DEZEMBRO/2005

VANESSA DE MELLO TORRES

**A SUBJETIVIDADE DA DEPENDÊNCIA
QUÍMICA NA ADOLESCÊNCIA**

**Monografia apresentada como requisito para
conclusão do curso de Psicologia do
UniCEUB – Centro Universitário de Brasília**

Professor orientador:

Doutor Fernando Luiz González Rey

Brasília / DF, Dezembro de 2005

SUMÁRIO

1. Introdução.....	6
2. Fundamentação Teórica	
2.1. Histórico da Dependência química.....	8
• 2.1.1. Antes do século Dezenove	
• 2.1.2. Saúde Pública e a Higiene Social	
• 2.1.3. Século Dezenove.	
• 2.1.4. Século Vinte	
2.2. Definições sobre Dependência química.....	11
2.3. Teorias Psicológicas relacionadas.....	13
2.4. A Subjetividade da Dependência química.....	17
2.5. O Adolescente, a família e a drogadição.....	19
3. Metodologia.....	21
4. Construção da informação.....	25
• 4.1. História de vida	
• 4.2. Conversação	
• 4.3. Complemento de frases	
5. Considerações finais.....	44
6. Referências Bibliográficas.....	47
7. Anexo	

À Deus, à minha querida mãe, familiares e amigos pelo eterno apoio e carinho. As minhas incentivadoras e psicólogas Wani e Esther. E ao meu professor/ orientador Doutor Fernando Rey pela forma carinhosa como me orientou.

AGRADECIMENTO

Agradeço com alegria e prazer:

A Deus por ser meu pai - amigo e companheiro - em todos os momentos.

A minha querida e amada mãe pelos incalculáveis esforços para a realização deste momento, meu reconhecimento pela sua força e dedicação para me proporcionar tudo o que sou e que tenho.

Aos meus queridos irmãos de consideração: Ravena e Matheus, por todos os momentos que passamos juntos e por todo amor dedicado a mim.

Ao Zé Geraldo, por ter sido meu pai, pelos ensinamentos e pelo amor.

Ao meu querido vô Zé, que com seus cuidados me fez ver o quanto eu era importante.

As minhas duas afilhadinhas queridas: Vitória e Helena, que me dão tanta alegria e amor, incitando em mim, minha criança interior. As minhas comadres, Silvinha e Mary, e ao meu compadre Elmer pela confiança, carinho e amizade.

A tia Cora, aos meus padrinhos, madrinhas, tios, tias, primos e primas pela força, carinho e amor em todos os momentos e por serem meu alicerce.

A minha tia Leninha (in memoriam) que apesar de não estar mais presente fisicamente permanece no meu coração e na minha vida.

As minhas queridas amigas / irmãs de coração: Lelê, Carlota, Déia, por trazerem a alegria a minha vida há muitos anos e por dividirem comigo todos os momentos. A todos os meus amigos queridos que dividiram comigo alegrias e tristezas, que pacientemente me ouvem e me ajudam sempre.

As minhas queridas: Fá, Joaninha, Najla, Tássia e Bi, que conheci na faculdade e que dividiram comigo todas as alegrias, dúvidas e anseios durante esses cinco anos de faculdade e se tornaram grandes amigas.

Ao Rogério pelo carinho e amizade.

Ao grupo de terapia: Rogério, Domitila, Shirley, Cláudio, Darcísio e outros. As minhas duas grandes amigas, incentivadoras e terapeutas: Esther Coutinho e Wani Aida.

E ao meu querido professor – orientador Fernando Rey, pela forma carinhosa que me orientou.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo estudar o processo de subjetivação da Dependência química na adolescência. Serão analisados o histórico e as definições da dependência química, e as teorias psicológicas relacionadas a esta. A teoria da subjetividade será utilizada como base para a construção de informação, sobre a subjetividade da dependência química e o papel da família nesse processo, sendo assim utilizamos a abordagem qualitativa uma vez que esta permite um aprofundamento na subjetividade do sujeito. A proposta qualitativa aqui utilizada é de uma epistemologia voltada para a construção, levantando indagações e não pensando em comprovações *a priori*. Para aprofundar sobre este tema foi realizado um estudo de caso. Os instrumentos utilizados foram: a conversação e complemento de frases. A construção de informação foi realizada com um adolescente dependente químico, e pudemos observar qual é o processo de subjetivação da dependência estava intimamente ligado à história de vida, valores sociais e crenças.

Monografia

Tema: Os fatores desencadeantes da dependência química em adolescentes.

Problema: Como que a subjetivação influencia no processo de dependência química em adolescentes da classe baixa.

Objetivos:

I – Estudar o processo subjetivação sobre a dependência química no adolescente;

II – Compreender como a subjetivação das drogas influencia nos diferentes sistemas de relações do adolescente com a dependência química;

III – Estudar o lugar da família no processo de subjetivação da dependência química

Anexos

Conversação

Eduardo começou relatando sobre a primeira vez que usou drogas.

“Comecei na escola. Eles fumaram atrás da caixa da água, eram cinco pessoas. Eles me chamaram e aí eu resolvi experimentar. Fumei mas não traguei!”

“Eu sempre sentia cheiro de maconha lá perto de casa!”

“Os meninos compravam cigarros para fumarmos. Eu nem sabia tragar. Todo mundo ia.”

“Ninguém liga prá mim!!! Eu vou com meus amigos e fumar mesmo!”

“Que nada todo mundo pensa que eu uso, eu vou usar mesmo!!!”

“Aí eu fumava e me sentia muito alegre! As coisas pegavam mais cor. O rosto da pessoa mais corado. Fumava para curtir!”

Eduardo mudou de assunto e começou a falar que havia descoberto um fato.

“Fui gerado na cadeia! Descobri isso semana passada! Meu tio estava preso por causa do trafego e ficou muito tempo preso. Minha mãe visitava ele. Toda visita era a minha mãe, aí minha mãe se envolveu com o meu pai na cadeia. Eu imaginava que meu pai não era meu pai verdadeiro. Eu sabia que o nome dele era Lindomar. Eu fiquei triste!!!”

“Não sei expressar meu sentimento: Só alegria e ódio!”

“O pessoal lá em casa é tudo doido! Há vários segredos na família (7 irmãos da minha mãe e a avó).”

“Meu pai (padrasto) está separando da minha mãe.”

“Minha mãe com 18 anos teve minha irmã e já tava namorando há vários meses. Passou quatro anos e o desgraçado não quis assumir a filha.”

“Ficou dois meses com meu pai (padrasto), aí se amigou e minha mãe está com ele há 16 anos. Durante esse tempo, Manuelle estava com 10 anos, o padrasto implicou com ela. Embaçou com ela!”

“Ela tinha dezessete anos aí aconteceu uma briga cabulosa. E Rafaele foi embora de casa e só voltou quando casou com Leandro.”

“Era o maior assanhaço com ela.”

“Lá em casa só quem apanhava era eu!”

“Meu padrasto dava aula de reforço pra mim. Eu não sabia matemática e ele me batia. Eu apanhava!”

“Sabe a antena, eu peguei um pedaço e fui brincar lá na rua. Aí na hora que eu tava brincando de atirar pedrinha acertou na mulher. O homem da Brasília(carro), voltou e falou com meu pai(padasto). O meu pai disse que ele podia ir. O homem ligou o carro e aí eu sabia que eu ia apanhar.”

“Ele me bateu, me espancou! Ele estava com muita raiva! Ele botou toda a força que tinha!”

“Tudo que acontecia eu apanhava!”

“Eu já era largado! O Júnior nasceu. Eu tinha 4 anos e a Rafele tinha 8 anos. Quando o Júnior nasceu todo mundo ia ver o Júnior. Tudo era ele! Todo mundo dava atenção para ele, só a Rafele, minha mãe e a Tia davam atenção para mim!”

“Nunca ganhei um beijo do meu pai (padasto), só uns abraços daqueles de tapinhas nas costas. Eram raros! Quando lembro disso dá raiva”

Segundo Eduardo, começou a entrar nessa vida de crime quando fez uma tatuagem na perna.

“Onde eu comecei foi com a história da tatuagem. Com dois dias que eu tinha feito, minha mãe viu. Sempre troquei de roupa na frente da minha mãe. Minha mãe brigou e disse que meu pai ia me espancar se visse!”

A tatuagem significa força e está em Japonês.

“Meu primo fez tatuagem e o pai dele descobriu e bateu de cinto. Ele ficou com febre.”

“Dois dias e eu não passava na frente do meu pai.”

“Convidei Carlos para fugir. W3 norte. Só tinha lanchado. Na torre nós tínhamos um real, estava com fome. Aí resolvi que iríamos comer mais tarde para não morreremos de fome. Aí resolvi que iríamos comer logo! Comemos um pastel bem grande! Vamos dormir aonde.? Perguntei pro Carlos. Ai dei a idéia de arranjar 30 reais. Tínhamos duas faquinhas para pescar e cortar o peixe. Dei a idéia de roubar. Ai o Carlos falou então vamos embora.”

“Tentei assaltar, mas não tinha coragem. Olhei pra moça e não consegui! Aí a raiva tomou conta, a fome bateu forte. Abri o canivete, peguei o celular da mulher. Na hora que eu olhei a mulher dava com a mão (fazia sinal com a mão). Aí descemos correndo, troquei de roupa, coloquei o boné. Tinha um posto da PM. O policial correndo com as pistolas. O pessoal do prédio gritava

“pega ele!”. Fiquei deitado no chão sem camisa e senti vergonha. Aí eu fui para o DCA. Bateram, espancaram. Queriam que dessem conta do dinheiro. E não tinha dinheiro nenhum. Cada um que passava me dava um murro, tapa na cara. Eu me senti humilhado.”

“O delegado do DCA ligou para minha mãe às 11:30 pm e avisou que ela tinha que me buscar às 12:00 pm. Se ela não viesse me buscar eu iria para o CAJE. Fiquei no CAJE três dias, depois Vara da infância e juventude. Nesse dia a minha mãe foi ao CAJE. No segundo dia fui pra promotoria e no terceiro dia o juiz liberou.”

“O pai do Carlos levou ele pra roça!”

“Eu não conseguia dormir porque eu estava preocupado com minha mãe. Eu estava com vergonha.”

“Começou a me chamar de marginal e assassino. Falou que preferia que eu tivesse sido preso por homicídio.”

“Reprovei a Quinta série porque matava aula para fumar.”

“Parei de estudar!”

“Eu tinha as chaves de casa e ele (pai – padrasto) deu sumiço! Ele revistava minhas coisas.”

“Fui para a festa “Tô ligado”, com 14 anos. Já tava rebelde mesmo! Custava 0,99 centavos a cerveja. Faltava 1 mês e alguns dias para festa. O menino da minha rua sempre me oferecia para eu vender drogas. Vendi, primeiramente, 50 gramas de maconha por 50,00 reais. A primeira 50gramas, ele me deu tudo cortadinho. Cada trouxinha custava 5 reais. Comecei a vender o primeiro 50 reais. Recebi 189,00. Paguei 50 e fiquei com 159 reais

“Vendeu e no mesmo dia perdeu a virgindade (com a mãe do filho de 1 ano e nove meses). A menina tinha 16 anos, fui pro motel com a menina. Estava com dinheiro. Pagou o dobro para transar. Disse que estava bêbado. Depois deste “frevo”, pegou 200gramas para vender.”

“A mãe do vizinho não ligava para ele.”

“O pai bebe um dia sim, um dia não. O pai fica sentado com olhar de bravo. Meu pai vai do trabalho pra casa da casa pro bar. Ele bebe um dia sim, um dia não.”

“Tráfico dos 14 aos 15 anos. Em um ano tive 12 mil reais. Gastei com colchão e roupas, carro e outras coisas..”

“Minha mãe sabia e não tinha mais o que fazer. Eu não escutava os conselhos da minha mãe.”

“Teve uma festa que eu gastei 3.500 reais. Pagava bebida para todo mundo.”

“Cheirava no baile cocaína, depois de bêbado. Ficava eletrizante. Na frente de todo mundo.”

“5 gramas dá para um frevão. O cara tá feito. Eu me sentia doidão.”

“Só cheirava cocaína quando tava bêbado, aí eu cheirava para animar. A cocaína anima!”

“Por ter muita droga, fodão, nós cheiramos 50 gramas de cocaína. E ficamos três dias sem dormir.”

“Ficamos na casa de Fábio, morreu...!”

“Eu cheirava demais. Eu que era chefão, fodão!”

“Usar maconha, cocaína e cigarro.”

“A cocaína era só o frevo, o cara só vicia se dançar só usando, fazendo sexo.”

“Já fiquei a noite toda cheirando e transando.”

“Tem oito dias que eu não fumo.”

“Só fumei por vício, eu fico irritado, inquieto, o corpo pede. Se quiser parar só com muita força!”

“Depois disso eu comprei muitas armas!”

“Depois que a pessoa tá assim não tem jeito, eu ia pro frevo e brigava muito, já tava drogado”

“Qualquer briguinha, vem um reflexo do tempo anterior em que eu apanhava. Ele me dava cinco tapas. Chegava a mijar na roupa.”

“Eu respeito meu pai até hoje.”

Conversação

Eduardo começou falando que tinha duas notícias para me dar. Uma era ruim e a outra era boa. Disse que a ruim era que um de seus companheiros de quarto havia morrido e a outra era que mandaram a liberação dele para o juiz.

Eduardo disse também que as quatro vezes que ele usou o Rupinol ele fez besteira. A primeira vez foi lesão corporal, a Segunda deu uma garrafada no “bicho”, a terceira e a quarta foi homicídio.

Eduardo começou a fumar maconha por influencia dos amigos e todas as vezes que ele tomou o Rupinol também foi influenciado.

“Eu era muito tirado. As meninas de hoje gostam de meninos que usam drogas e que são poderosos.”

“Não sou muito de dar satisfação!”

“Não sei expressar meus sentimentos, só amor e raiva.”

“Sinto uma angústia - Raiva e revolta da criação”

“Até onde eu contei, metade da metade.”

“Depois que eu virei traficante eu comecei a andar com um amigo casado com a minha prima. Eu cheirava de mais, dos 14 aos 15 anos, o tráfico tava pesado eu e ele nos juntamos. Ele bebia muito. Minha mãe e meu pai não gostavam dele. Ele tem 25 homicídios nas costas!”

“Eu dei 27 tiros no menino e nenhum pegou. Voltei para casa do José , escondi as armas, aí voltei para o bar.”

“Fui para o CESAN e foi mais uma decepção. Fiquei preso 45 anos. Depois disso nos não conversa mais comigo, só conversa o necessário. Até os 16 anos só recebi quatro beijos do meu pai e só tapinhas nas costas.”

“Lá no CAJE eu aprendi a ser marginal. Ganhei muito dinheiro, mas perdi tudo, comprei carro, perdi, comprei uma moto, perdi.”

“Depois fui para a semi da Central. Era um demônio. Eu fumava muita maconha. Aí os moços pegaram três trouxinhas de maconha. Pinei. Dormi na rodoviária. Fui para casa. Me entreguei na vara da infância da Ceilândia. Aí me enviaram para a semi da Ceilândia. Minha mente estava muito doida, toquei fogo na semi. Estava em depressão. As psicólogas falavam que eu estava com depressão. Toquei fogo na semi. Quando fui para a semi minha vó falou: Antes você morrer do que dá desgosto. Com esses pensamentos, eu fui para os primeiros quartos e coloquei fogo lá! Os meninos me arrastaram para o quarto que não tava pegando fogo. Todos fugiram da semi. Aluguei um cômodo para vender drogas. Só assaltava o comércio.”

“Matei o bicho apresentei de novo na semi. O homicídio é o que eu mais me

arrependo.”

“Desde que nasci até os 12 anos fui evangélico.”

“Tenho raiva do que meu pai (padrasto) fez, por tudo o que ele fez!”

“A minha mãe é minha pérola negra. Só quem me deu carinho foi minha mãe, minha irmã e meu irmão.”

“A mãe do meu filho foi embora com ele. Ela se mudou de madrugada. Como eu vou ver João.”

“Já tô na semi há 1 ano e 4 meses.”

Complemento de frases

Família é: tudo.

Gosto: da minha mãe.

O tempo mais feliz: esse agora.

Queria saber: onde meu pai verdadeiro está.

Lamento: ter tirado a vida de três pessoas.

Meu maior medo: de morrer do mesmo jeito que eu matei os outros.

Escola: é a base da vida.

Não consigo: parar de fumar cigarro normal.

Sofro: de remórcio.

Fracassei: toda a minha vida.

Meu futuro: muito feliz, normal sem as pessoas olharem atravessado.

Estou melhor quando: estou perto da minha família e da Daiane.

Algumas vezes: fumar maconha, algumas vezes.

Este lugar: só me deixa mais entediado e nervoso. Sendo assim só me dá vontade de usar maconha. Quando estou em casa não tenho necessidade.

Minha preocupação principal: minha mãe está sem emprego. Minha irmã é quem está nos sustentando. Preciso arrumar um emprego.

Desejo: Sair da semi e arranjar um emprego para viver uma vida melhor.

Secretamente eu: queria montar uma discoteca.

Eu: vou arranjar um emprego, comprar um carro, reformar a casa e vou ser feliz.

Meu maior problema: cigarro.

Amo: minha família.

Minha principal ambição: dá uma vida melhor para minha família(mãe e irmãos).

Eu prefiro: ser do jeito que estou sendo agora.

Meu problema principal: arrumar um emprego.

A felicidade: é ficar ao lado da minha família (minha mãe, meus irmãos e Daiane).

Família é :tudo.

Considero que posso: estudar, me esforçar e dá uma vida melhor para minha família. Se eu perder minha mãe, eu não sei o que faço da vida.

Esforço – me diariamente: fico de “boa”, para sair mais rápido possível, para ficar perto da minha mãe. Acho que daqui 20 dias saio daqui.

Meu maior desejo: Construir minha família com uma boa estrutura. Quero dar tudo o que eu não tive para meus filhos.

Meus estudos: é uma coisa boa, porque eu estudando eu consigo alguma coisa na vida.

Meu futuro: está nas minhas mãos.

Luto por: minha dignidade.

Minha opinião: é que esses malandros todos façam o que eu estou fazendo.

O lar: é humilde, mas é o melhor lugar. É o único lugar que me sinto bem.

Sinto: que eu vou conseguir tudo isso.

Meu filho: é tudo, é uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida.

Quando eu era criança: eu era muito maltratado pelo meu pai (padrasto), ele não soube me criar.

Quando tenho dúvidas: eu procuro tirá-la.

No futuro: com minha família, casado e indo fazer terapia no Ceub.

Quando estou sozinho: só fico angustiado e ansioso.

Meus amigos: não tenho amigos. Só tenho colegas, que não passam de colegas.

Amigos para mim são minha mãe, meus irmãos e a Daiane.

Minha mãe: é tudo, tudo mesmo para mim.

O tempo mais feliz: agora.

Meu pai: eu gosto dele, mas não tenho rancor, quando eu me lembro dá raiva.

Desejo: que Deus me abençoe nos meus sonhos.

A adolescência é uma fase de transformações entre a infância e a fase adulta, dos dez aos vinte anos, onde ocorre uma enorme gama de mudanças biopsicossociais, que trazem ao adolescente, emoções e sentimentos dos quais não estão acostumados, e com isso há diversos momentos de instabilidade emocional. Este momento na vida do indivíduo é muito peculiar, pois ele deixa de ser uma criança dependente para se tornar uma pessoa que adquire e exige autonomia. Além da necessidade de formar novos laços afetivos, o adolescente necessita do grupo de amigos onde se sinta pertencente, amado e respeitado pelo que julga agora ser.

Segundo Figlie (2004), a chamada crise da adolescência é envolvida por diversos conflitos, como:

- Perda da identidade infantil;
- Luto pelos pais da infância;
- Alterações corporais;
- Adoção de papéis sexuais;
- Valores morais e éticos;
- Entre outros

Com todas essas mudanças ocorrendo, surge uma questão muito importante nessa fase, que é a busca da identidade. Esta se dará pela afirmação e organização dos novos desejos e necessidades vinculadas às habilidades descobertas para expressá-lo no seu contexto social. Esta fase é de extrema importância, pois se houver alguma dificuldade maior o adolescente vai procurar as drogas para se livrar dos sentimentos que o assolam. Recorrer a produtos químicos apresenta como solução quando o indivíduo não encontra resposta para as suas necessidades e aspirações, na família, nos amigos, na carreira profissional, na vida sentimental ou na vida social.

As drogas por sua vez funcionam como “válvula de escape”, pois dão a ilusão para seus usuários que todos os problemas vividos por eles, foram resolvidos ou superados. Na falta delas, há diversos sintomas, como: nervosismo, ansiedade, inquietação, e / ou impulso incontrolável de obter mais drogas. Quando a pessoa chega neste estágio, ela já está extremamente dependente dos efeitos produzidos pelas drogas e já não consegue viver sem esta.

Durante a vida, as pessoas criam diversos laços de dependência com objetos, pessoas e situações, algumas dessas relações são de grande importância para a

vida das pessoas, dependendo do tipo de relação, podem causar prejuízos, vícios ou perda de autonomia.

Assim sendo, quando se diz que uma droga provoca dependência psíquica, significa apego aquele estado em que as dificuldades reais dos usuários são momentaneamente apagadas. Pelos seus efeitos, ela preenche a necessidade imperiosa de “soluções” imediatas para problemas anteriores. Sabemos que isto nada resolve, pelo contrario, só faz piorar a situação. Barreto, L. M. (2000).

Segundo Campos (1985), a dependência física ou vício tem como característica um estado fisiológico anormal produzido pela administração repetida de drogas e como resultado tem – se o aparecimento de uma série de sintomas, chamado de síndrome de abstinência. Já a dependência psíquica tem como característica um desejo psicológico de usar a droga, intermitentemente ou continuamente por razões emocionais. Esta dependência varia de indivíduo para indivíduo e de acordo com a droga utilizada. A dependência é um tema que tem sido muito discutido e por isso merece atenção especial, isto porque todo tipo de dependência traz ao indivíduo prejuízos na vida social, psíquica ou / e física.

O tema escolhido para esta monografia foi os fatores desencadeantes da dependência química em adolescentes, a razão da escolha do tema se prende ao fato das experiências vividas no estágio no grupo de apoio a dependentes químicos (GADEQ), onde a questão de dependência química é uma constante, e não só no estágio, mas no nosso cotidiano, estudá –lo, portanto é de fundamental importância para que os psicólogos possam enxergar formas de evitar que o adolescente entre nessa dependência e aos que já estejam envolvidos, possam ser mais bem atendidos.

O problema a ser pesquisado vai ser como que a subjetividade influencia no processo de dependência química em adolescentes da classe baixa. Tal é a especificidade que encerra, que no âmbito do trabalho proposto deve ser analisado em sua individualidade e subjetividade, deixando-se de lado, desse modo, a forma consensual de se pensar sobre a dependência química.

O objetivo desta pesquisa é estudar o processo de subjetivação sobre a dependência química no adolescente, compreender como a subjetivação das drogas influencia nos diferentes sistemas de relações do adolescente com a dependência química e estudar o lugar da família no processo de subjetivação da dependência química.

2.1.Histórico da dependência química

2.1.1.Antes do século Dezenove

As drogas na antigüidade eram de uso restrito, e vinha unido a uma visão mágica ou religiosa da vida, o aborígine usava as drogas para se ligar aos deuses, como intermediário entre ele e os deuses, já os xamãs o faziam de modo isolado com finalidade médica e fenômeno religioso. Na Antigüidade, o álcool ou mais comumente o vinho, era conhecido como a dádiva de todos os deuses, sendo BACO o Deus do Vinho.

O uso de drogas é tão antigo quanto a humanidade e encontram – se na história de todos os tempos. O homem na procura de prazeres estranhos e alívio para seu sofrimento, mergulha nos mais variados vícios.

Há mais de 4.000 anos a.C. os Sumerianos, utilizavam a papoula de ópio como a "planta da alegria que traduzia o contato com os Deuses. Em 500 a. C o povo Cita, queimavam a maconha em pedras aquecidas e inalavam os vapores dentro de suas barracas ou tendas.

O ópio foi por muito tempo cultivado livremente por camponeses, por volta do século XVI, era usado como fonte de alívio de sua triste realidade sofredora. Na mesma época, os espanhóis utilizavam as drogas alucinógenas como uma forma de autocastigo, pois para este povo a Droga significava que os demônios estavam soltos.

2.1.2.Saúde Pública e a Higiene Social

Segundo Edwards e Lader (1994), no início, a saúde pública ambiental teve uma participação reduzida no conceito de doença. Porém o modelo da saúde pública representava, não apenas pela compulsão e pela quarentena, mas também pela atenção dada aos fatores ambientais e a reforma social e sanitária, foi também importante em relação aos conceitos de doença. Nas primeiras duas décadas do século vinte, emergiu um entrelaçamento complexo das idéias hereditárias do final do século dezenove com a ideologia do movimento da saúde pública, e isto aconteceu em muitas áreas da política de bem estar social.

Nessa época muito se pensava sobre a prevenção do álcool, pois este atrapalhava a convivência do usuário e da sociedade em geral. A prevenção era o remédio para a doença dita como hereditária. Em 1904, a educação era vista como remédio, pois por meio da informação as pessoas se conscientizariam da natureza hereditária da dependência química. Isto sem levar em consideração os aspectos emocionais que juntamente com a natureza fisiológica levam a dependência química.

2.1.3. Século Dezenove

Segundo Edwards, Lader e col. (1994), descreve que a adição só foi descoberta depois do século dezenove. Sendo que anteriormente já havia o uso e a dependência química, só não era estudado. Durante a primeira metade do século dezenove, ocorreu o desenvolvimento do conceito de doença em relação ao uso abusivo do álcool, em particular no continente Europeu. A novidade, no século dezenove não foi somente o conceito, mas uma determinada conjunção de forças políticas, culturais e sociais que deram força a esse conceito. Nesse século houve muitos estudos na área da embriagues, que a via como um conceito físico hereditário.

A visão do século dezenove da Psicologia era de que o problema da dependência química se tratava de uma doença relacionada à vontade, pois era por meio de uma vontade interna que o indivíduo procurava a droga para diminuir as tristezas, ansiedades e dificuldades. Os conceitos psicológicos começaram a surgir nessa época. Segundo Edwards e Lader (1994), Freud e os outros teóricos europeus, já haviam começado a explorar o inconsciente dinâmico do uso das drogas no final do século dezenove e continuaram a desenvolvê-las no século vinte.

2.1.4.Século Vinte

No século vinte, houve muitas teorias que definiram a idéia do usuário de drogas exclusivo. As teorias que mais ganharam aceitação nesta época foram as que viam a dependência química como doença, vendo a dependência como algo que era adquirido e que o fisiológico era o causador da doença.

Foi nessa época que a psicologia teve um impacto maior, pois com o tratamento da neurose de guerra começou a se estudar o uso de substâncias químicas para diminuir o sofrimento causado pela guerra. Segundo Edwards, Lader e col.(1994) “A Psicologia teve um claro impacto sobre a conceitualização da adição nos anos entre guerras”. Somente após a segunda guerra mundial a Psicologia se uniu às concepções organicistas da adição e com isso houve um restabelecimento de uma relação harmoniosa entre a psicologia e a bioquímica, havendo o desenvolvimento de programas especializados para o álcool e para as drogas.

Houve uma mudança de conceitos no século vinte que trouxe grandes contribuições para o tratamento especializado em dependência química. As abordagens física e psicológica se entrelaçaram e exerceram sua influência no período entre guerras. Segundo Adams apud Edwards e Lader(1994), coloca que para se reconhecer a presença da verdadeira dependência existem cinco pontos cruciais que devem ser levantados:

- Domínio do uso da droga;
- Motivo pelo qual o adito procura a droga para se refugiar da realidade ou do impulso eufórico;
- A emergência de uma necessidade imperiosa ou desejo irresistível;
- Estabelecimento da tolerância;
- Ocorrência da síndrome de abstinência.

O período chave para o controle internacional da droga foram os anos entre – guerras. A Organização Mundial da Saúde assumiu as responsabilidades sobre os conceitos e definições relacionados às drogas.

2.2. Definições sobre Dependência química

Há uma enorme dificuldade em estabelecer um limite entre consumidor ocasional e um dependente químico, isto porque cada indivíduo é um organismo único que reage de maneira diferente.

Segundo Campos (1985), a dependência química é uma intoxicação periódica ou crônica prejudicial ao indivíduo e a sociedade, causado pelo consumo repetido de drogas. Havendo um incontrolável desejo ou necessidade de consumir ou aumentar a dose, levando a uma dependência psíquica e às vezes até física, dependendo da droga utilizada.

A definição popular de dependência é a qualidade ou estado de ser influenciado, estar necessitado de algo ou alguém mais. A dependência implica um estado de estar dependente de outro, no caso das drogas dependente de uma substância que tira o seu controle.

Já a definição médica vê a dependência química como uma doença de origem fisiológica, que precisa de tratamento médico.

As definições psiquiátricas e psicológicas vêm agregadas e colocam que ela consiste em uma doença mental, transtorno do comportamento, ou em alguns casos, um sintoma de uma doença mental subjacente. Edwards & Lader (1994) p. 42

As definições científicas colocam que a dependência é o uso repetido de uma substância e / ou envolvimento compulsivo num comportamento que direta ou indiretamente modifica o meio interno de tal forma que produz reforço imediato, porém com conseqüências em longo prazo danosos. Pormelau e Pormelau(1987) citado em Edwards & Lader(1994) p.42

As definições sociológicas têm três perspectivas que explicam a dependência em termos sociológicos: as mediacionais, as construcionistas e rotuladoras.

- Mediacionais: enfatizam que o uso das drogas é considerado um desvio, pois excede as normas da sociedade.
- Construcionistas: colocam que a dependência envolve diversos significados e funções, independentes das seqüelas fisiológicas. É vista como um conceito cultural e socialmente determinado.

- Rotuladoras: vêem a dependência em termos do papel do doente que é guiado pelas expectativas sociais, institucionais e imagens da adição.

2.3. Teorias psicológicas sobre a dependência química

Segundo Fliglie, Bordin e Laranjeira (2004), existem várias teorias que tentam explicar a dependência química e os motivos que levam ao indivíduo a virar dependente químico. Essas podem ser resumidas em quatro modelos:

- Modelo Psicanalítico

Os teóricos mais antigos acreditavam que o comportamento de usar substâncias químicas era uma tentativa de retornar aos estados prazerosos da infância. Os contemporâneos vêem o uso das drogas como uma forma possível que o indivíduo encontrou para se adaptar a seus déficits de auto-regulação, que emergiram da privação ou interações disfuncionais da primeira infância. Algumas deficiências poderiam levar ao abuso de substâncias químicas: déficits na tolerância aos afetos, prejuízo nas habilidades de auto - proteção, vulnerabilidade no desenvolvimento da auto-estima e problemas na construção dos relacionamentos e na intimidade.

Segundo Kalina (1999), As primeiras contribuições de valor psicodinâmico sobre a questão das drogas foram feitas por Freud, que considerava que as toxicomanias se relacionavam com as necessidades infantis primárias onde há uma fixação na fase oral. Abraham veio depois de Freud, e continuou na sua linha de pensamento chamando a atenção para a importância da afeição oral nas toxicomanias.

Clark fez a relação entre a afeição oral e os estados maníacos – depressivos. Rado em meados do século vinte coloca que na base de toda toxicomania há uma “depressão tensa” que tem como característica mais marcante a intolerância ao sofrimento. A ingestão de drogas produz um alto nível de auto - estima, mas como esta não se baseia em algo real, quando o efeito passa, volta à depressão.

Simmel afirma que o toxicomaniaco é um melancólico. A droga age sobre o superego, sendo assim o ego reencontra a auto –estima perdida e o usuário fica cada vez mais narcísico. Glover coloca que a toxicomania que aparece no tipo depressivo pode ser um substituto ou proteção contra o suicídio. Weije afirma que a drogadição é um estado maníaco na base do qual há uma depressão. Rosenfeld diz que o

toxicomaníaco tenta fugir dos estados depressivos que basicamente o ameaçam, porque se sentem incapazes de suportar o peso da depressão.

Melaine Klein, seguindo a linha de pensamento psicanalítico, coloca que a droga faz com que a dor seja sublimada e haja uma tentativa de escapar da depressão e o que acaba por ser sentido como persecutório. Salvitt acredita que o adito ingere as drogas para sobrepor-se a uma vivência persecutória de desintegração do ego.

Há também a orientação interacionalista, onde Lidz coloca que o drogadito foge de um mundo intolerável, por meio do uso das drogas, no qual se sente impotente para enfrentar conflitos insolúveis, distorcendo de forma imaginária sua simbolização da realidade. A família o ensina a agir dessa maneira. Libermamn acredita que o drogadito não suporta perdas e por isso a droga para ele serve para eliminar a ansiedade da espera e angústia da frustração.

- Modelo do comportamento aprendido

Neste modelo, acredita-se que todo comportamento, sentimento, pensamento e mudanças fisiológicas são aprendidos ou condicionados. Sendo assim todo problema comportamental como a dependência química, pode ser modificado pelo mesmo processo de aprendizagem.

Fazem parte deste modelo as seguintes escolas de pensamento psicológico: Condicionamento clássico, Condicionamento operante, Modelagem, Cognitivo comportamental.

O Condicionamento clássico que explica todo comportamento por meio de estímulo – resposta, havendo um estímulo especial que faz com que a resposta do indivíduo seja procurar a droga.

No condicionamento operante os padrões de comportamento são determinados por reforçadores positivos ou negativos que ocorrem como resultado do comportamento. O uso das drogas produziria a euforia, relaxamento e bem – estar e removeria a tristeza, a tensão e a ansiedade.

Há também a modelagem que envolve a observação do comportamento de outras pessoas como forma de desenvolver habilidades. Este modelo tem explicado o uso de drogas pelos adolescentes como a imitação do modelo de pessoas como: pais, familiares, amigos, colegas e artistas.

Já no modelo cognitivo – comportamental acredita que as emoções e comportamentos são influenciados pelos processos de pensamento. Sendo que determinados estímulos (internos e externos) interagem com as vulnerabilidades do sujeito, com suas crenças disfuncionais a respeito de si mesmo e a respeito do uso de substâncias, e levam ao comportamento de busca da droga.

- Modelo Biopsicossocial

Esse modelo concebe a dependência como um fenômeno biopsicossocial, onde há um componente biológico herdado, mas não principal componente e os componentes psicológicos, sociológicos, culturais e espirituais que desempenham um papel importante na causa, curso e resultado da dependência química. O indivíduo que é dependente está dentro de um contexto no qual o social, psicológico e o cultural influenciam muito, pois fazem parte da vida do indivíduo. Afinal, o indivíduo é um ser que só vive em relação.

- Modelos familiares

Há três modelos para explicar o uso de drogas segundo os modelos familiares: o modelo da doença familiar, o modelo familiar sistêmico e o modelo cognitivo - comportamental. Segundo os modelos familiares, o equilíbrio e a importância das regras e metas que governam os relacionamentos familiares são de extrema importância para manutenção do uso de substâncias químicas. As pessoas que usam drogas estão dentro de um contexto no qual seus valores, crenças, emoções, sentimentos e comportamentos influenciam os comportamentos das outras pessoas e principalmente da família e são por eles influenciados.

- O modelo de doença familiar explica a dependência química como uma doença não só do indivíduo, mas da família como um todo. A dependência química é um recurso utilizado pelo indivíduo para chamar atenção da família que há algo que não está indo bem.

- O modelo familiar sistêmico coloca que a família é vista como um sistema que se mantém em equilíbrio por meio das regras de funcionamento familiar. A dependência química é explicada como um

desequilíbrio do sistema familiar, onde ocorrem quebra das regras familiares, inversão de papéis, entre outros.

➤ O modelo cognitivo comportamental, tem como princípio básico os comportamentos de adição, assim como qualquer outro comportamento, são aprendidos e mantidos por meio de reforços positivos e negativos, sendo esses provenientes das interações familiares.

2.4.Subjetividade da dependência

Como foi visto, há diversos motivos que levam o adolescente a buscar as drogas como saída para seus problemas, isto porque as drogas dão a sensação que tudo é fácil, que não tem riscos, entre outros. Mas o que mais chama atenção é o fato de que a dependência é relativa de sujeito para sujeito, pois cada qual percebe e sente o mundo e as relações de uma forma diferente.

E é com essa forma de perceber o mundo que o adolescente passa por uma fase de mudanças, transformações e na busca da sua personalidade. Nessa busca da personalidade que ele experimenta diversos “eus”, o indivíduo pode se identificar com alguém que utiliza substâncias químicas e começar a utilizá-las também. Esse fato pode parecer simples, mas nunca é, nesse processo sempre influencia o estado psíquico do indivíduo e os diferentes contextos de seus relacionamentos. Mas para que esse uso se torne uma dependência é necessário que o adolescente tenha uma predisposição genética, problemas familiares, problemas subjetivos do sujeito, entre outros. Os que mais me chama atenção são os psíquicos, pois é por meio deles que as situações viram problemas ou dificuldades.

A subjetividade exerce um papel de grande influência na produção da dependência química, isto porque é através da forma como sentimos e percebemos o mundo, as relações e as coisas que agimos no mundo e essas passam a fazer sentido subjetivo, isto é se expressam numa dimensão subjetiva. Pelo fato do ser humano ser único, não é possível prever se ele vai ou não, ser dependente químico.

Segundo Rey (2003), a subjetividade é um fenômeno complexo que une a individualidade com o social, não estando associado somente experiência atual real, mas a forma como se configura no sujeito, dá um sentido subjetivo e uma significação da experiência. Isto é feito com base na constituição subjetiva da história do agente da significação.

O social interfere claramente na construção da dependência química, isto porque os relacionamentos, e a forma como são formados e sentidos, fazem parte da realidade do sujeito, e se não forem sentido pelo sujeito como algo sincero, bom podem trazer sofrimento ao sujeito e dessa forma o sujeito pode ou não procurar a droga como caminho de alívio para esse sofrimento.

As necessidades afetivas do sujeito não dependem exclusivamente da realidade objetiva, mas também da maneira no qual a criança “percebe e lida” com

suas relações com os pais e com o mundo. Um elemento que é verificado no caso do uso abusivo de drogas parece ser um sentimento de solidão que produz um “vazio interno” e que poderá levar o jovem a procurar algo para preencher esse sentimento.

Tal sentimento tem como características depressivas como: baixa auto-estima, falta de vontade de fazer atividades escolares ou mesmo de lazer, choro, irritabilidade, entre outros, que tem origem em experiências afetivas passadas, vividas nas relações com os pais e em vivências atuais produzidas pela puberdade e adolescência.

Enfim, não se tem como definir se o indivíduo vai ou não se tornar dependente químico pelo fato de cada um ser único, que percebe e é percebido pelo mundo de forma diferente.

2.5.O adolescente, a família e a drogadição

A família é o núcleo básico da criança é nela que há as primeiras relações e que se cria os primeiros vínculos. É nela também que o indivíduo aprende determinados modos de agir e de pensar.

A família tradicional, como grupo social, significa o encontro afetivo e produtivo de um determinado grupo de pessoas, que convivem sob o mesmo teto desempenhando uma série de atividades. Grymberg & Kalina (1999. p. 25).

A qualidade dos vínculos que o adolescente estabelece quando criança é o que determina como que este vai se relacionar com os outros e com a vida. Kalina & Grynberg (1999), colocam o que distingue uma família saudável de uma patológica é a qualidade dos vínculos que se estabelecem entre seus membros. Quanto menos flexíveis, maior será a reação que atingirá o adolescente e suas intenções, sendo assim será mais difícil para ele cortar o cordão umbilical que o liga a família.

Adolescência carrega consigo um desequilíbrio normal da homeostase familiar, onde ocorre uma grande mudança na relação entre os pertencentes da família, isto porque o adolescente quer ser independente e autônomo. No caso da família do adolescente dependente químico, há um desequilíbrio muito maior, relacionado a homeostase familiar.

Como já foi visto a família tem grande influência no uso e na dependência de drogas, quando um dos pais é ausente por morte ou separação, isto acontece pelo fato de se sentirem desamparados e principalmente quando os vínculos afetivos não existem ou são danificados fortemente. Nesse caso o pai ou a mãe presente tenta superproteger o filho ou simplesmente por não terem tempo abandonam, pois tem que trabalhar para sustentar a família sozinha deixam assim os filhos em com sentimento de enorme abandono.

Há também nos tempos atuais o “esvaziamento do significado e da função paterna e materna“ Fleming, M. (2001). Esse fato é representado pela falta de autoridade dos pais em relação aos filhos que transmitem a esses a segurança e os limites que tem grande importância e significado subjetivo.

A família tem sofrido diversas mudanças, sendo hoje seu significado diferente dos outros tempos. A família perdeu seu significado e a importância social e individual, há um evitamento do conflito aberto, enfraquecimento do consenso social

sobre os direitos e deveres, sobre regras educativas, inversão das funções e papéis parentais e filiais.

Às vezes o adolescente precisa de algum acontecimento específico e importante que serve de gatilho para o uso e a dependência de drogas. Esses acontecimentos podem ser: reprovação, perda súbita de um amigo ou alguém importante, um fracasso, um desgosto amoroso, ou qualquer outro acontecimento que para o sujeito tenha um sentido próprio e que crie um sofrimento intolerável. Fazendo assim que o sujeito busque o alívio de toda sua angústia e sofrimento no uso de substâncias químicas.

A toxicodependência, tal como qualquer outra síndrome, exprime um sofrimento que enraíza normalmente num sistema emocional perturbador, o que não pode por sua vez, ser visto fora de um contexto emocional familiar. Fleming, 2001: p. 24.

Se antes da criança se tornar um adolescente, já houver um desequilíbrio dessa homeostase da família, quando se tornar adolescente pode procurar estabilizar essa família por meio do consumo das drogas. Segundo Haley apud (1980)p. 31, há uma função para o fracasso dos pais que é que esses continuem a se comunicar mesmo que isso seja difícil, através e acerca do jovem mantendo assim a organização anterior. Esse fracasso vem na forma da dependência química e faz com que todos se unam em prol do adolescente.

A toxicodependência da adolescente é muito diferente da verificada nos adultos, pela quantidade, consumo, produtos utilizados e prognóstico. Os jovens pertencem a grupos nos quais unidos pela droga procuram uma identidade e uma pertença desse adolescente na família. Mas mesmo assim a configuração subjetiva da droga em cada jovem é única, singular, organizada por sentidos subjetivos específicos desenvolvidos ao longo de sua vida e que tomam formas nos contextos atuais de sua vida que facilitam a dependência.

3. METODOLOGIA ADOTADA

A metodologia a ser adotada consistirá na pesquisa qualitativa, tendo em vista que serão realizados questionamentos para adolescentes que vivenciam a dependência química. A pesquisa qualitativa é de grande importância, pois por meio dele podemos alcançar a subjetividade do sujeito.

Uma vez que a pesquisa quantitativa está atrelada ao pensamento positivista que simples e reducionista, acredita que a ciência prova. Esse paradigma compreende a ciência como algo absolutamente racional, pregando conceitos como neutralidade e refutando a idéia de que haja subjetividade na produção de conhecimento. Para ser objetivo, na origem da ciência, era necessário haver neutralidade. O positivismo não conseguia compreender a situação inevitável: relação pesquisador e realidade social.

A partir de uma nova forma de ver a ciência e a produção científica, muitos autores chegaram à conclusão que o pesquisador jamais conseguirá se omitir frente aos fatos sociais. É impossível ele não manifestar sua subjetividade a ponto de não interferir na produção de conhecimento e conseqüentemente na pesquisa geral.

Os pesquisadores em ciências humanas são atores que influenciam o seu objeto de pesquisa e este por sua vez, é capaz de ter comportamento livre e consciente, levando a uma construção de saber diferente das obtidas nas ciências naturais. Laville e Dionne (1999)

A idéia de lei da natureza bem como a idéia de determinismo, tão defendidas pelo positivismo, não se aplica às ciências humanas. Isto acontece pelo fato de não podermos quantificar emoções, percepções, inclinações, sentimentos, entre outros.

Segundo González Rey, na pesquisa qualitativa não se tem idéia de neutralidade, onde o pesquisador é sujeito participante, é importante considerar o fato de que a ciência não é apenas racionalidade, mas também subjetividade. Nesse caso o pesquisador é ativo na construção do conhecimento. Não se deve pensar que a ciência só pode se objetiva e científica quando não há interferência pessoal. Pesquisador e sujeito estão implicados em todo o processo de construção da pesquisa.

É nessa relação que aparece não só o que se busca, mas também uma forma de produção científica que favorece o surgimento de elementos que não foram

definidos ou pensados pelo pesquisador, se transformam em opções de pesos teóricos e que não raro são relevantes para o estudo.

A pesquisa qualitativa procura a compreensão da subjetividade dos entrevistados e do pesquisador, que é uma condição *sine qua nom* para este tipo de pesquisa.

Para que possamos estudar o que leva o sujeito a procurar a droga como caminho para solução de seus problemas e se tornar dependente é necessário, não a quantidade de sujeitos estudados, mas sim a qualidade da informação que devemos obter sobre a forma como essa subjetividade é constituída.

Segundo González, (2005) p. 29, a pesquisa qualitativa é de extrema importância para a produção de conhecimento, pois estuda sistemas que não são diretamente acessíveis, nem na sua organização, nem nos processos à observação externa.

O ser humano por ser único tem sua história de vida, suas experiências e sua subjetividade. Sente e pensa de forma própria e por isso fica complicado determinar por meio da pesquisa quantitativa o que leva o sujeito a procurar as drogas como refúgio de seus problemas.

Os instrumentos são recursos coadjuvantes que facilitam a fala do sujeito. Na verdade não há preocupação com o acúmulo de dados obtidos por teste, técnicas, entre outros, mas o mais importante é a produção de idéias que surgem de forma espontânea a partir de indicadores levantados anteriormente.

3.1.Os instrumentos

González Rey (2005) p.42, coloca que o instrumento é toda situação e recurso que permite ao outro se expressar no contexto da relação que caracteriza a pesquisa.

Os instrumentos a serem utilizados nessa pesquisa são: **complemento de frases e as conversações.**

O **complemento de frases** é um instrumento muito interessante para ser usado com adolescente, pois além de ser dinâmico permite que o sujeito coloque sua subjetividade para fora.

O adolescente por estar em uma fase de mudanças e transformações requer um instrumento mais dinâmico, pois se o instrumento utilizado fosse entrevista direcionada, o sujeito iria se limitar às questões perguntadas não expressando assim

seus sentimentos. Já as conversações limitam as questões e fazem com que o pesquisador interaja com o indivíduo deixando este conduzir as conversas.

As **conversações** serão utilizadas por permitir uma dinâmica de conversações que deixam o sujeito livre para falar sobre seus sentidos e significados subjetivos que o fazem procurar as drogas. Isso ocorre pelo fato do sujeito se sentir a vontade para falar sobre sua vida.

Segundo González Rey (2005, p.126) a conversação é um processo que tem como objetivo conduzir o sujeito a campos significativos de sua vida, e estes são capazes de envolvê-lo no sentido subjetivo dado pelo sujeito nos diferentes espaços de sua subjetividade própria. Esse processo envolve pesquisador e sujeito pesquisado, isto acontece pelo fato do pesquisador ser um facilitador da dinâmica conversacional, favorecendo assim o diálogo e a pesquisa.

O vínculo entre o pesquisador e o indivíduo é de extrema importância para o andamento da pesquisa, isto porque o sujeito precisa se sentir seguro de que poderá falar sobre sua vida sem ser discriminado e reprimido.

“É no processo de comunicação que outro se envolve em suas reflexões e emoções sobre os temas que vão aparecendo, e o pesquisador deve acompanhar, com o mesmo interesse, tanto o envolvimento dos seus participantes como os conteúdos que surgem”. González Rey (2005, p.47)

São os relatos abertos, cheios de emoções, e de experiência de vida do sujeito pesquisado que dão sentido a pesquisa qualitativa, pois nesse sentido a pessoa pesquisada é recuperada como sujeito ativo na construção de sua subjetividade.

3.2.Procedimento Metodológico

Será realizado um estudo de caso que se refere a um estudo detalhado que têm como objetivo explicar a dinâmica da subjetividade que forma a dependência química, como forma de equilibrar a homeostase do sujeito.

Estudo de caso é uma análise holística, que considera a unidade social estudada com um todo, seja um indivíduo, uma família, uma instituição ou uma comunidade, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos. Goldenberg (2000, p.33)

O estudo de caso tem como finalidade analisar o sujeito como um todo, na sociedade, na família e na comunidade e a forma como ele enxerga essas relações.

Uma das dificuldades do estudo de caso é o fato de ser uma análise subjetiva que é abstrata, construída em função de um problema a ser investigado, pois não há um limite intrínseco ao objeto.

Goldenberg (2000, p.34) coloca que o tipo de dados e de procedimentos da pesquisa que se relacionam com o método de estudo de caso, têm suas origem em uma tradição de pesquisa antropológica nas sociedades antigas.

Não há uma formulação de regras precisas sobre as técnicas utilizadas no estudo de caso, isto acontece pelo fato de cada indivíduo ser único e ter sua própria subjetividade sendo assim cada entrevista ou conversação é única, pois depende do momento, do tema, do vínculo realizado, do entrevistador e pesquisados.

A interrogação sistemática de um caso particular é interessante por retirar as propriedades gerais ou invariantes, que estão de certa forma ocultas em baixo das aparências de singularidade. A singularidade de cada indivíduo é muito importante é um “mundo” em só podemos penetrar se a pessoa quiser.

3.3.Análise do Estudo de caso

A construção do pensamento será realizada por meio da análise das conversações realizadas e da análise do complemento de frases. Na análise da conversação, os dados não são considerados como tendo um *status* especial que os separe de outra fala. O pesquisador faz os mesmos tipos de perguntas que é feito pelas pessoas em uma conversação entre amigos ou outros tipos de conversa. Bauer &Gaskell (2000, p.273)

O objetivo da análise das conversações é a analise os conteúdos subjetivos que emergjam na conversa, e estes só emergem quando há vínculo. A análise das conversações será realizada através do registro das falas por meio do gravador, da transcrição das falas mais significativas para o pesquisador e análise por tópicos anteriormente separados e/ou que surjam durante a análise.

Já análise do complemento de frases será realizada juntamente com a análise das conversações, sendo separadas por categorias de zonas de sentido e interpretadas pelo pesquisador.

4. CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO

4.1.A história de vida

Eduardo mora em uma cidade satélite do Plano piloto, estuda, tem 16 anos de idade e está na semiliberdade. Disse que trabalhou como empacotador de compras no mercado e, por último, chegou a ser repositor de mercadorias.

O jovem infrator não conheceu seu pai biológico e nunca perguntou sobre seu paradeiro. Desconfia que seu pai tenha sido marginal, inclusive acredita ter ouvido, em sua tenra infância, sua mãe conversar com parentes e/ou vizinhos sobre possíveis visitas ao seu pai detido na papuda. Não sabe o motivo pelo qual o mesmo tivera ocorrido e nunca procurou averiguar, se tal fato procede.

Eduardo acredita que suas atitudes “cabulosas” e agressivas têm a ver com seu pai biológico. Ele disse que não sabe o porquê dele ser assim: “cabuloso” (nesse momento ele se põe cabisbaixo e silencia) e ao mesmo tempo quieto (quando não mexem com ele).

Disse que sua vida era muito boa e que tudo mudou quando sua mãe se uniu ao seu padrasto. Seu pai-padrasto passou a bater nele desde quando sua mãe ficara grávida. Ao longo de alguns anos sua mãe concebeu três filhos. Motivo pelo qual se sentiu preterido, abandonado, embora sempre tentasse compreender o que sua mãe enfrentava. Eduardo não tem dúvida de seu amor por sua mãe, disse que ela é a pessoa mais importante de sua vida.

Devido à chegada de seus irmãos sua mãe passou a dar uma atenção diminuta a Eduardo, isso o deixou um tanto isolado, em seu mundo; reservado. A única e total atenção que tinha, agora era dividida por quatro. Segundo Eduardo: eu e meus três irmãos.

Seu padrasto (alcooleiro) sempre o chamou de marginal, vagabundo e depois passou a chamá-lo maconheiro. Isso o deixava “cabuloso” e não reagia ao que o pai padrasto falava; apenas não entendia seu silêncio frente à TV ou às vezes raiva a ponto de agredi-lo. Eduardo sempre achou essa atitude injusta e descabida. De qualquer forma nunca reagiu a hostilidade do pai-padrasto.

Aos dez anos de idade fez uma tatuagem em sua perna. Com medo de seu padrasto descobrir decidiu fugir com seu primo (mentiu para seu padrasto e mãe que ia pescar). Ambos subiram num ônibus rumo ao plano piloto. Ao chegarem à altura

do Setor Comercial Sul calotearam o ônibus, pois não tinham nenhum dinheiro no bolso. Os dois menores estavam com fome. Este fato motivou-os assaltar uma mulher que estava saindo do banco com uma maleta na mão; além de portar um celular.

Qual foi o susto de Eduardo quando ao fugirem passando pelo Pátio Brasil e em seguida para o Venâncio 2000 ambos foram capturados pela polícia. Eduardo narra que recebeu maus tratos da polícia. Acrescentou que, nessa ocasião, a polícia dava choques em suas unhas das mãos. Ao chegar à Delegacia Policial disse ter apanhado muito. Isso o deixou irado e sem reação. Ele disse ter omitido os maus tratos dos policiais ao Delegado, pois temia que os mesmos se vingassem dele maltratando-o ainda mais.

Relatou que não permitiram que ele ligasse para a sua mãe e que acabou ficando detido no CAJE por três dias. O suficiente aprender muita coisa. Ele disse que nunca imaginou que iria passar por aquilo que passou. Disse que seu padrasto reforçava a idéia de que ele era mesmo marginal e maconheiro. Seu padrasto chegou a dizer que era melhor ele ser um assassino que ser um ladrão.

Contou o episódio de ter sofrido um puxão de orelha da professora por não ter feito a tarefa de casa. Isso fez com que ele empurrasse a professora e depois ele jogou a cadeira nessa. O que ocasionou sua expulsão do colégio.

Em outro momento seu colega de sala de aula jogou os pés da cadeira em seus testículos. Ele caiu no chão e sentiu um dor enorme. Seu colega ficou na porta da sala de aula sorrindo num tom sarcástico, juntamente com seus outros colegas de turma. Ele não teve dúvida. Assim que se recuperou, levantou-se e caminhou em direção a seu colega. Em seguida esmurrou sua cara até quebrar seus dentes. Mais uma vez ele disse que essa situação o deixou “cabuloso” e a única saída foi se defender. Ele disse que só queria ficar quieto em seu canto, mas que vêm mexer com ele e as coisas acabam acontecendo.

Ele comentou que seu padrasto e mãe estão brigando muito. Ele disse que o pivô de tudo é ele. E que seus pais já se separaram de quarto e logo mais irão se separar de casa também. Ele disse que sua mãe, dessa vez, está decidida a se separar de vez (separação de corpos).

Afirmou que sua mãe é tudo para ele. A mãe dele é a única coisa preciosa que ele tem. Ela é tudo que há de melhor. Se alguém mexer com ela ele nem sabe o que vai fazer. É melhor ninguém mexer com sua mãe.

Relatou que pôs fogo nos colchões das casas de semi - liberdade e desfaleceu tamanha fumaça. Este evento se deu após ter ouvido sua avó dizer que era melhor ele morrer. Que ele era um problema para a família. Ele não consegue ver saída para ele. Disse que quando tudo parece está bem vem alguém mexer com ele e deixá-lo “cabuloso”, por isso semana a semana ele só quer ficar na casa da semi - liberdade parado, sem fazer movimento para não acontecer nada mais.

Por fim, Eduardo constatou que não tem sonhos, quer apenas um trabalho para ganhar o suficiente para ajudar sua mãe. Complementou dizendo que voltaria para a próxima conversa.

No segundo encontro Eduardo mostrou-se tranqüilo. Disse que seu pai-padrasto tirou umas férias e que foi para sua cidade natal, lá na roça. O jovem Eduardo disse que nunca perguntou sobre o paradeiro de seu pai biológico, mas desconfia que seu pai tenha sido marginal; pois certa feita ouviu sua mãe dizer a uma tia que ia à papuda. Sempre guardou esse segredo e nunca quis indagar sua mãe se o que ele havia ouvido dizia respeito ao seu pai biológico.

Comentou que sua namorada foi para a sua casa e que, inclusive, dormiram juntos. Ele disse, *em segredo*, que fez amor com sua namorada e que a camisinha estourou. Ele espera que ela não engravide, pois ela estava em seu período fértil e não quer que isso aconteça agora. Ele gosta muito dela, mas quer primeiro ajudar sua mãe, ter um emprego assim que sair a semi - liberdade e mais tarde pretende casar-se e ter filhos. Afirmou que sua namorada vai deixá-lo se ele continuar nessa vida, mas que se ele sair da semi - liberdade e tomar rumo para as coisas continuará namorando ele.

Segredou também que tem um filho de um ano de sete meses. Disse que nem o juiz sabe. Foi uma aventura que vivenciou. Comentou que seu filho é a sua “cara” e chama-o de pai, além de morar vizinho a ele.

Eduardo falou de seus planos para o futuro. Um dos planos seria fazer serigrafia em camisas junto com sua namorada. Para isso precisaria trabalhar honesto e juntar dinheiro para comprar a máquina para fazer serigrafia, além das camisas. Depois passaria, então, a vendê-las. A segunda idéia seria ser DJ de uma danceteria. Já que não tem nenhum lugar bom para dançar na cidade onde mora. Eduardo teria um local para colocar boas músicas, cobrar cinco reais e conseqüentemente ganhar dinheiro.

No terceiro encontro Eduardo disse que neste final de semana foi para casa

de sua mãe, ou seja, nos dias 24 e 25 de setembro. No sábado, logo pela manhã telefonou para sua namorada, e quando ela disse que viria ao seu encontro ficou muito alegre.

Foi perguntado ao menor Eduardo: Como foi sua semana? Você fumou maconha quantas vezes? Se você fumou, porque fumou? O que aconteceu que você ficou com vontade de fumar?

Eduardo relatou que fumou maconha quatro vezes:

1. *Fumei maconha na quarta-feira no dia 21 de setembro. Fiquei pensando na minha mãe e na minha namorada. Fiquei preocupado se poderia acontecer alguma coisa ruim com uma delas e eu sem poder fazer nada. Então, resolvi fumar.* Eduardo fumou maconha, neste momento, por fuga da realidade de não estar com a mãe e a namorada.

2. *No dia seguinte, 22 de setembro, eu discuti com o monitor por que ele humilhou o João. Ele nem tem família. Eu, então, fui defender ele e depois fiquei tremendo porque quero sair logo da semi-liberdade. Foi quando fiquei com raiva e nervoso e o menino tinha uma maconha e eu fumei.* Eduardo ficou com raiva, enfrentou seu adversário imaginando proteger seu colega e depois fugiu daquela situação de enfrentamento fumando maconha, mais uma vez chegamos à conclusão de que a fuga estava presente.

3. *Eduardo fumou pela terceira vez no dia 22 de setembro, ou seja, no mesmo dia que fumou quando houve a discussão com o monitor. Isto aconteceu no período da tarde. Ele complementou: “eu já estava na lomba mesmo, então pensei assim: vou fumar outra vez...”. A fuga permanecia presente mais uma vez.*

4. *A quarta vez que fumei foi no sábado. A minha namorada, estava vindo para a minha casa eu fiquei alegre e fumei.* Eduardo aparentemente fumou porque estava alegre, mas que não passava de uma simples fuga. A alegria nesse caso se apresentou como uma mera ilusão.

4.2.Relatos de Eduardo

Eduardo começou relatando sobre a primeira vez que usou drogas.

“Comecei na escola. Eles fumaram atrás da caixa da água, eram cinco pessoas. Eles me chamaram e aí eu resolvi experimentar. Fumei, mas não traguei!”.

“Eu sempre sentia cheiro de maconha lá perto de casa!”

“Os meninos compravam cigarros para fumarmos. Eu nem sabia tragar. Todo mundo ia”.

“Ninguém liga prá mim! Eu vou com meus amigos e fumar mesmo!”

“Que nada todo mundo pensa que eu uso, eu vou usar mesmo!”

“Eu era muito tirado. As meninas de hoje gostam de meninos que usam drogas e que são poderosos”.

Nesses trechos, são visto claramente a influência que os colegas de escola tem na produção da dependência química, isto acontece pelo fato dos colegas terem um sentido subjetivo para Eduardo e para todos adolescentes. Na fase da adolescência como foi visto anteriormente, os colegas e – ou amigos tem um grande sentido subjetivo para o adolescente. Nessa fase, o adolescente precisa se sentir pertencentes a um grupo de amigos onde seja apoiado.

Esse grupo de colegas ou amigos podem influenciar, tanto para o mal, quanto para o bem. No caso de Eduardo o grupo teve influencia negativa por ele ter necessidade de se sentir pertencente a grupo, mesmo que este não faça bem.

“Aí eu fumava e me sentia muito alegre! As coisas pegavam mais cor. O rosto da pessoa mais corado. Fumava para curtir!”

O prazer instantâneo que a droga proporciona ao usuário é mostrado por meio dessa frase, que Eduardo fala. Pelo sentido subjetivo que ele dá a vida dele, ele tem motivos para entrar no uso e dependência de drogas, e também na marginalidade. Sua vida não tem cor, é uma realidade subjetiva difícil.

Eduardo mudou de assunto e começou a falar que havia descoberto um fato.

“Fui gerado na cadeia! Descobri isso semana passada! Meu tio estava preso por causa do trafego e ficou muito tempo preso. Minha mãe o visitava. Toda visita era a minha mãe, aí minha mãe se envolveu com o meu pai na cadeia. Eu imaginava que meu pai não era meu pai verdadeiro. Eu sabia que o nome dele era Lindomar. Eu fiquei triste!!!”.

Há um grande sentido subjetivo nesse trecho, pois Eduardo trouxe este assunto por este lhe ter causado grande impacto psicológico. Ele relata que a pouco tempo descobriu quem era seu pai verdadeiro, este fato mexeu com ele apesar de este imaginar que seu pai – padrasto não era seu pai verdadeiro. O fato de que ser gerado na cadeia pode ser um fator desencadeante para que as pessoas achem que ele tem potencial para ser um marginal.

Pode-se observar que Eduardo, apesar de se expressar quanto a o tema que a pesquisadora começa o diálogo, faz isso por meio da sua expressão pessoal e pelas necessidades pessoais que no decorrer de sua expressão, se constituem a partir das configurações de sentido que a conversação vai estimulando e que se organizam por meio dela. Vemos que Eduardo começa falando da primeira vez que fumou maconha e logo passa para um assunto que tem grande significado e sentido subjetivo para ele neste momento de sua vida.

“Não sei expressar meu sentimento: Só alegria e ódio!”

“Não sou muito de dar satisfação!”

“Não sei expressar meus sentimentos, só amor e raiva”.

“Sinto uma angústia - Raiva e revolta da criação”

Neste trecho, Eduardo coloca sua dificuldade em expressar seus sentimentos, isto pode ser pelo fato de que Eduardo tem um sentido subjetivo em relação as suas emoções. Este por se sentir inadequado, percebe que suas emoções são expressas de uma forma não aceita, pela sociedade e por ele próprio.

“O pessoal lá em casa é tudo doido! Há vários segredos na família (7 irmãos da minha mãe e a avó).”

A frase destacada, fala sobre a insegurança que os segredos de família trazem para Eduardo. Este sabe que existem vários segredos de família e pela forma como colocou não gosta desse fato. Mas acaba de certa forma agindo de forma parecida quando esconde alguns delitos que cometeu.

“Meu pai (padrasto) está separando da minha mãe.”

Essa frase, somada a outros trechos da conversação, diz de toda dinâmica subjetiva sobre a importância desse pai - padrasto na vida de Eduardo, isso porque há um grande amor e ódio por este pai que o criou. Mas indo a fundo nessa relação, há uma grande ambigüidade na suas falas relacionadas ao seu pai – padrasto. Há um grande sentido subjetivo na separação dos pais, pois Eduardo perderá o pai – padrasto e ganhará mais atenção de sua mãe.

“Minha mãe com 18 anos teve minha irmã e já tava namorando há vários meses. Passou quatro anos e o desgraçado não quis assumir a filha.”

“Ficou dois meses com meu pai (padrasto), aí se amigou e minha mãe está com ele há 16 anos. Durante esse tempo, Manuelle estava com 10 anos, o padrasto implicou com ela. Embaçou com ela!”

“Ela tinha dezessete anos aí aconteceu uma briga cabulosa. E Manuelle foi embora de casa e só voltou quando casou com Leandro.”

“Era o maior assanhaço com ela.”

Eduardo relata nesse trecho, como sua mãe se envolveu com se padrasto e a relação deste com sua irmã, esta relação era muito conflituosa e tem sentido subjetivo para ele, pois este trouxe para a conversação esse fato. É interessante notar que apesar de Eduardo ter mais dois irmãos, ele fala muito durante todo o processo de conversações e no complemento de frases (como será visto a diante) sobre essa irmã e a mãe. Isto acontece pelo fato destas terem um significado maior em suas vidas.

“Lá em casa só quem apanhava era eu”.

“Meu padrasto dava aula de reforço pra mim. Eu não sabia matemática e ele me batia. Eu apanhava”.

“Sabe a antena, eu peguei um pedaço e fui brincar lá na rua. Aí na hora que eu tava brincando de atirar pedrinha acertou na mulher. O homem da Brasília (carro), voltou e falou com meu pai (padrasto). O meu pai disse que ele podia ir. O homem ligou o carro e aí eu sabia que eu ia apanhar”.

“Ele me bateu, me espancou! Ele estava com muita raiva! Ele botou toda a força que tinha!”

“Tudo que acontecia eu apanhava!”

Nesse trecho, Eduardo sente - se perseguido, como se só ele apanhasse, e como se o pai – padrasto não gostasse dele. Para ele há um grande sentido subjetivo nessa relação dele com o padrasto, pois este batia nele. Esse sentido subjetivo influenciou no processo de subjetivação da dependência, pois foi uma forma de chamar a atenção do pai-padrasto, para que este lhe desse carinho. Sendo isto uma grande necessidade para Eduardo.

“Eu já era largado! O Júnior nasceu. Eu tinha 4 anos e a Manuelle tinha 8 anos. Quando o Júnior nasceu todo mundo ia ver o Júnior. Tudo era ele! Todo

mundo dava atenção para ele, só a Manuelle, minha mãe e a Tia Leila davam atenção para mim!”

Esse trecho, unido ao trecho anterior expressa o sentido subjetivo que ele dá para a forma como ele é tratado, e o sentido subjetivo do nascimento do irmão. Eduardo sentiu o nascimento do irmão como mais um fator para ele não receber o carinho e o amor que ele tanto almejava e almeja das pessoas da família.

“Nunca ganhei um beijo do meu pai (padrasto), só uns abraços daqueles de tapinhas nas costas. Eram raros! Quando lembro disso dá raiva”.

“Eu respeito meu pai até hoje”.

Eduardo traz mais uma vez o sentido subjetivo que seu pai – padrasto têm e de sua significação na configuração do sentido subjetivo da dependência química. Eduardo tem um sentimento de ambigüidade, pois coloca com certo pesar nunca ter de ganhado um beijo do padrasto que ele considera como pai, demonstrando com isso o amor que sente pelo pai - padrasto e também sente raiva pela forma como esse o tratou, batendo nele por qualquer motivo.

Segundo Eduardo, começou a entrar nessa vida de crime quando fez uma tatuagem na perna.

“Onde eu comecei foi com a história da tatuagem. Com dois dias que eu tinha feito, minha mãe viu. Sempre troquei de roupa na frente da minha mãe. Minha mãe brigou e disse que meu pai ia me espancar se visse!”

A tatuagem significa força e está em Japonês.

“Meu primo fez tatuagem e o pai dele descobriu e bateu de cinto. Ele ficou com febre”.

“Dois dias e eu não passava na frente do meu pai”.

Neste trecho, Eduardo coloca o sentido subjetivo que sua mãe exerce em sua vida. Esta mãe que esconde as coisas que Eduardo apronta de seu pai – padrasto, de certa forma colabora para que Eduardo não se sinta amado, pois tudo que este faz é de certa forma aceito pela mãe, sendo essas atitudes aceitas pela sociedade ou não.

Quanto ao significado da tatuagem, há um grande sentido subjetivo relacionado a ela, isto pelo fato de significar “força”, Eduardo necessita de “força” para enfrentar esse sentido subjetivo relacionado à falta de amor que sente. Encontrando assim, não só na tatuagem, mas também nas drogas uma forma de obter “força” necessária para viver a realidade tão difícil que ele vive e sente.

“Convidei Carlos para fugir. W3 norte. Só tinha lanchado. Na torre nós tínhamos um real, estava com fome. Aí resolvi que iríamos comer mais tarde para não morrermos de fome. Aí resolvi que iríamos comer logo! Comemos um pastel bem grande! Vamos dormir aonde? Perguntei pro Carlos. Ai dei a idéia de arranjar 30 reais. Tínhamos duas faquinhas para pescar e cortar o peixe. Dei a idéia de roubar. Ai o Carlos falou então vamos embora.”“Tentei assaltar, mas não tinha coragem. Olhei pra moça e não consegui! Aí a raiva tomou conta, a fome bateu forte. Abri o canivete, peguei o celular da mulher. Na hora que eu olhei a mulher dava com a mão (fazia sinal com a mão). Aí descemos correndo, troquei de roupa, coloquei o boné.

Neste momento, Eduardo coloca que o sentido subjetivo de fome para ele não é só no sentido fisiológico, mas também no sentido social e subjetivo. Eduardo procura “matar” essa fome de amor, chamando a atenção da sociedade por meio da sua atitude de assaltar como forma de acabar com a fome fisiológica. Essa atitude vem permeada de uma zona de sentido relacionada às diversas faltas vividas por Eduardo. Essas faltas não são só de comida, como de amor, carinho, afeto, entre outras.

Ele coloca ainda o fato de sentir raiva, quando “a fome bateu forte”, essa fome trouxe consigo um sentido subjetivo que não era tão somente fisiológico, mas também social e subjetivo. Resolveu roubar, com o intuito de chamar a atenção da sociedade para ele, já que não tinha essa atenção da família.

Essa fome de amor fez com que Eduardo buscasse nas transgressões de regras sociais uma forma de obter a atenção, mesmo que esta fosse uma atenção momentânea e que lhe traria algum prejuízo.

“Tinha um posto da PM. O policial correndo com as pistolas. O pessoal do prédio gritava” pega ele!”. Fiquei deitado no chão sem camisa e senti vergonha. Aí eu fui para o DCA. Bateram, espancaram. Queriam que dessem conta do dinheiro. E não tinha dinheiro nenhum. Cada um que passava me dava um murro, tapa na cara. Eu me senti humilhado”.“O delegado do DCA ligou para minha mãe às 11:30 pm e avisou que ela tinha que me buscar às 12:00 pm. Se ela não viesse me buscar eu iria para o CAJE. Fiquei no CAJE três dias, depois Vara da infância e juventude. Nesse dia a minha mãe foi ao CAJE. No segundo dia fui pra promotoria e no terceiro dia o juiz liberou”.

Nesse trecho, Eduardo coloca as injustiças sofridas por ele. Na subjetividade dele, a sociedade teria que lhe acolher já que na sua casa, não se sentia acolhido. Assaltar e usar substâncias químicas é uma forma de chamar a atenção para ele. E conseqüentemente se sentir cuidado e amado, que são as únicas coisas que Eduardo espera.

“O pai do Carlos levou ele pra roça!”

Eduardo, por meio dessa frase coloca o sentido subjetivo que ele têm sobre pai, pois ele coloca que o pai de Carlos por um gesto de amor a Carlos o afastou do mal caminho e levou-o para a roça como forma de proteção, carinho e atenção. Tudo que Eduardo espera de seu pai – padraço atenção, carinho e proteção e que não tem ou não percebe dessa forma.

“Eu não conseguia dormir porque eu estava preocupado com minha mãe. Eu estava com vergonha”.

Esse trecho, Eduardo expressa o sentido subjetivo que sua mãe tem na sua vida, e na vergonha que ele a fez passar. Podemos notar que o sentido subjetivo relacionado à mãe é de grande valor para Eduardo, que nessa situação teve medo de perder o amor da mãe, pelo que foi visto e a única pessoa que Eduardo sente lhe dá amor. Há também uma grande relação subjetiva relacionada, no que diz respeito à representação social que Eduardo tem a respeito de ser amado. Para ele, só é amado quem é perfeito.

“Começou a me chamar de marginal e assassino. Falou que preferia que eu tivesse sido preso por homicídio”.

“Tenho raiva do que meu pai (padraço) fez, por tudo o que ele fez!”

Com essas falas, o pai-padraço mostrou para Eduardo que estava magoado com aquilo que ele havia feito. Não sendo dessa forma que Eduardo percebeu. Eduardo resolveu virar marginal e assassino, pois seu padraço já lhe chamava dessa forma. Para seguir o que seu pai estava falando e ser notado por este, resolveu ser o que o pai queria que ele fosse.

“Reprovei a Quinta série porque matava aula para fumar”.

“Parei de estudar!”

Esse trecho expressa que neste momento de sua vida não existia ou não era tão importante o sentido subjetivo de estudar. Havia nesse momento outros sentidos subjetivos aflorados, fazendo com que Eduardo não visse a importância dos estudos. Vários autores colocam que nessa fase, o adolescente vive um turbilhão de emoções.

Sentimentos antes deixados de lado viram “vulcões” prestes a eclodir, e qualquer motivo pode fazê-los eclodir, atrapalhando o adolescente estudar e a fazer outras coisas “menos importante”.

“Eu tinha as chaves de casa e ele (pai – padrasto) deu sumiço! Ele revistava minhas coisas”.

Esta frase tem como sentido subjetivo para Eduardo, a perseguição que seu pai fazia, pois este revistava suas coisas. Eduardo pode ter sentido isto, como uma falta de confiança de seu pai-padrasto em relação a ele. Como se ele não fosse capaz, nem responsável o bastante para ser amado por seu pai-padrasto.

“Fui para a festa “Tô ligado”, com 14 anos. Já tava rebelde mesmo! Custava 0,99 centavos a cerveja. Faltava 1 mês e alguns dias para festa. O menino da minha rua sempre me oferecia para eu vender drogas. Vendi, primeiramente, 50 gramas de maconha por 50,00 reais. A primeira 50gramas, ele me deu tudo cortadinho. Cada trouxinha custava 5 reais. Comecei a vender o primeiro 50 reais. Recebi 189,00. Paguei 50 e fiquei com 159 reais”.

Eduardo viu nessa oferta, uma chance de sair da dura realidade de não ter nem dinheiro, nem carinho. Virar traficante é uma saída fácil para quem tem pouca condição financeira. Já que não era alguém para as pessoas, resolveu virar traficante que lhe daria status e respeito. Ele não seria qualquer um, mas sim o traficante tal e respeitadíssimo.

“Vendi e no mesmo dia perdeu a virgindade (com a mãe do filho de 1 ano e nove meses). A menina tinha 16 anos, fui pro motel com a menina. Estava com dinheiro. Pagou o dobro para transar. Disse que estava bêbado. Depois deste “frevo”, pegou 200gramas para vender”.

Nesse trecho, Eduardo expressa que o dinheiro tem um sentido subjetivo relacionado a resolver tudo. Ele coloca que queria transar no motel com a menina e o homem não queria deixar, pois ele era muito novo. Resolveu o problema pagando o dobro. Como se o dinheiro comprasse tudo. Até a felicidade! Poder comprar o que quisesse, faz com que ele queira vender mais e mais, para obter mais dinheiro.

“A mãe do vizinho não ligava para ele”.

“Minha mãe sabia e não tinha mais o que fazer. Eu não escutava os conselhos da minha mãe”.

“A minha mãe é minha pérola negra. Só quem me deu carinho foi minha mãe, minha irmã e meu irmão”.

Mais uma vez, Eduardo traz seu sentido subjetivo relacionado a ter atenção dos pais. Coloca que a mãe do vizinho não ligava para seu filho. Eduardo faz uma projeção da forma como se sente em relação a sua mãe e a sua família. Percebe a situação do vizinho da forma como sente a sua relação.

“O pai bebe um dia sim, um dia não. O pai fica sentado com olhar de bravo. Meu pai vai do trabalho pra casa da casa pro bar. Ele bebe um dia sim, um dia não”.

Nesta frase, Eduardo coloca o exemplo da dependência dentro de casa, vindo de uma pessoa que tem para Eduardo um sentido subjetivo muito grande. Esse sentido produz nele uma aversão desse pai que bate e briga e ao mesmo tempo um exemplo a ser seguido, afinal de contas, é o primeiro exemplo de homem que Eduardo teve. Esse pai de certa forma inseriu Eduardo nas drogas, por meio de seus exemplos.

“Tráfico dos 14 aos 15 anos. Em um ano tive 12 mil reais. Gastei com colchão e roupas, carro e outras coisas”.

Este trecho traz o sentido subjetivo de ser traficante de drogas, o poder que isto traz ao sujeito, já que de outra forma Eduardo não conseguia esse poder. Sendo traficante ele tinha não só o poder, mas também a aceitação, o respeito, consideração das outras pessoas e dinheiro.

“A mãe do meu filho foi embora com ele. Ela se mudou de madrugada. Como eu vou ver meu filho”.

Esta frase diz respeito a sua relação com mãe de seu filho. E a subjetividade relacionada a seu filho. Neste momento ele traz o sentido subjetivo do seu filho na sua vida. Este tem uma importância, como se ele pudesse resolver sua relação com seu pai-padrasto por meio de seu filho.

“Teve uma festa que eu gastei 3.500 reais. Pagava bebida para todo mundo”.

“Cheirava no baile cocaína, depois de bêbado. Ficava eletrizante. Na frente de todo mundo”.

“5 gramas dá para um frevão. O cara tá feito. Eu me sentia doidão.”

“Só cheirava cocaína quando tava bêbado, aí eu cheirava para animar. A cocaína anima!”

“Por ter muita droga, fodão, nós cheiramos 50 gramas de cocaína. E ficamos três dias sem dormir”.

“Ficamos na casa de Fábio, morreu...!”

“Eu cheirava demais. Eu que era chefão, fodão!”

“Usar maconha, cocaína e cigarro”.

“A cocaína era só o frevo, o cara só vicia se dançar só usando, fazendo sexo”.

“Já fiquei a noite toda cheirando e transando”.

“Tem oito dias que eu não fumo”.

“Só fumei por vício, eu fico irritado, inquieto, o corpo pede. Se quiser parar só com muita força!”

Nesse trecho Eduardo, coloca o sentido subjetivo que a droga traz a sua vida, sendo assim a vida que antes tinha um sentido ruim, passa a ter um colorido. Além disso, faz com que ele esqueça toda a falta de amor sentida e que tenha ilusão de que a vida é animada, cheia de amor e amizade.

A droga, também dá a sensação de que o sujeito pode tudo. Transa com quem quer, faz o que quer, sem ter nenhuma preocupação. Esquece – se de tudo, de todos problemas e faltas tidos na vida. Sendo assim a vida parece ser mais fácil. Ao menos temporariamente.

“Depois disso eu comprei muitas armas!”

“Depois que eu virei traficante eu comecei a andar com um amigo casado com a minha prima. Eu cheirava de mais, dos 14 aos 15 anos, o tráfico tava pesado eu e ele nos juntamos. Ele bebia muito. Minha mãe e meu pai não gostavam dele. Ele tem 25 homicídios nas costas!”

“Eu dei 27 tiros no menino e nenhum pegou. Voltei para casa do José , escondi as armas, aí voltei para o bar”.

“Fui para o CESAN e foi mais uma decepção. Fiquei preso 45 anos. Depois disso nos não conversa mais comigo, só conversa o necessário. Até os 16 anos só recebi quatro beijos do meu pai e só tapinhas nas costas”.

Mais uma vez, Eduardo expõe o sentido subjetivo relacionado a seu pai – padrasto. Sua relação com ele faz parte de uma zona de sentido maior relacionada com o amor esperado deste pai e desta raiva por não ser correspondido

“Lá no CAJE eu aprendi a ser marginal. Ganhei muito dinheiro, mas perdi tudo, comprei carro, perdi, comprei uma moto, perdi”.

“Depois fui para a semi da Central. Era um demônio. Eu fumava muita maconha. Aí os moços pegaram três trouxinhas de maconha. Pinei. Dormi na rodoviária. Fui para casa. Me entreguei na vara da infância. Aí me enviaram para a semi. Minha mente estava muito doída, toquei fogo na semi. Estava em

depressão. As psicólogas falavam que eu estava com depressão. Toquei fogo na semi. Quando fui para a semi minha vó falou: Antes você morrer do que dá desgosto. Com esses pensamentos, eu fui para os primeiros quartos e coloquei fogo lá! Os meninos me arrastaram para o quarto que não tava pegando fogo. Todos fugiram da semi. Aluguei um cômodo para vender drogas. Só assaltava o comércio”.

Neste trecho, Eduardo coloca o sentido subjetivo que ele tem dele mesmo naquela época, se sente como um demônio. Certamente este escutou de alguém que ele parecia um demônio, pois não se sentiria assim simplesmente do nada. Houve uma construção desse sentido subjetivo de si mesmo.

Coloca ainda, a sua relação com a droga como fuga para esse sentir "demônio". A realidade subjetiva nesse momento é extremamente cruel e difícil. Comenta que colocou fogo na semi, queria morrer pelo fato da realidade estar insustentável. Sente como se só desse desgosto para todos que ele ama e que queria amor. Pois sua vó fala a ele que preferia vê-lo morto, do que dando desgosto. Eduardo se vê como um problema para sua família, como ele não tivesse nada de bom para ser amado.

O ato de atear fogo não significa simplesmente colocar fogo na semi, significa também uma forma de mostrar as pessoas que há algo na realidade subjetiva de Eduardo que não está legal. Eduardo tenta por meio do suicídio, mostrar toda sua insatisfação com aquela triste realidade. Esse suicídio foi o declarado, mas há implícito na dependência química e na criminalidade uma forma de suicídio lento, que também é uma forma de chamar a atenção para ele e sua realidade subjetiva.

“Matei o bicho apresentei de novo na semi. O homicídio é o que eu mais me arrependo”.

Essa frase traz, mais uma vez o sentido subjetivo relacionado ao homicídio cometido. Eduardo coloca isto com muito pesar, como se arrependesse completamente do que fez. Há um grande sentido subjetivo quando coloca sobre esse assunto, parece ter arrependimento e culpa.

“Depois que a pessoa tá assim não tem jeito, eu ia pro frevo e brigava muito, já tava drogado”.

“Qualquer briguinha, vem um reflexo do tempo anterior em que eu apanhava. Ele me dava cinco tapas. Chegava a mijar na roupa”.

Há um grande sentido subjetivo na relação entre as surras que seu pai lhe dava com as brigas que ele se metia. Eduardo conta que toda briga que rolava ele têm um reflexo do tempo em que apanhava. Há nesse caso uma zona de sentido relacionado a sua relação conflituosa com seu pai – padrasto.

Eduardo começou, na quarta conversação, falando que tinha duas notícias para me dar. Uma era ruim e a outra era boa. Disse que a ruim era que um de seus companheiros de quarto havia morrido e a outra era que mandaram a liberação dele para o juiz.

Eduardo disse também que as quatro vezes que ele usou o Rupinol ele fez besteira. A primeira vez foi lesão corporal, a Segunda deu uma garrafada no “bicho”, a terceira e a quarta foi homicídio.

Nesse momento, aparece a relação das drogas e sua influência na personalidade. Eduardo certamente pensaria duas vezes antes de cometer qualquer um desses atos, mas sob o efeito das drogas, não tinha controle sobre suas ações.

Eduardo começou a fumar maconha por influência dos amigos e todas as vezes que ele tomou o Rupinol também foi influenciado.

4.3.Complemento de frases

Quando eu era criança: *eu era muito maltratado pelo meu pai (padrasto), ele não soube me criar.*

Quando estou sozinho: *só fico angustiado e ansioso.*

Meu pai: *eu gosto dele, mas não tenho rancor, quando eu me lembro dá raiva.*

Queria saber: *onde meu pai verdadeiro está.*

Esse conjunto de frases indica o sentido subjetivo sobre a relação com o pai – padrasto. Essa relação é permeada de conflitos e de uma idealização sobre o pai perfeito que ele deseja que lhe de amor e carinho, e que não seja como ele é realmente.

Já em relação à frase: “*Queria saber: onde meu pai verdadeiro está?*”, podemos perceber que há uma forte esperança nessa relação com seu pai biológico, pois seu pai – padrasto não é o ideal. Há um grande sentido subjetivo em relação a esse pai biológico que pode dar tudo o que ele não recebeu do pai – padrasto. Essa frase saiu pelo fato de Eduardo ter descoberto a duas semanas quem era seu pai

verdadeiro, havendo assim um grande sentido subjetivo relacionado a isso. Esse sentido subjetivo relacionado ao pai-padrasto e a mágoa relacionada aos maus tratos sofridos por ele. Todo esse sentido criou um sentido subjetivo para a dependência das drogas.

Família é: *tudo*

Gosto: *da minha mãe.*

Estou melhor quando: *estou perto da minha família e da Daiane.*

Minha principal ambição: *dá uma vida melhor para minha família (mãe e irmãos).*

A felicidade: *é ficar ao lado da minha família (minha mãe, meus irmãos e minha namorada).*

Esforço – me diariamente: *fico de “boa”, para sair mais rápido possível, para ficar perto da minha mãe. Acho que daqui a 20 dias saio daqui.*

Meus amigos: *não tenho amigos. Só tenho colegas, que não passam de colegas. Amigos para mim são: minha mãe, meus irmãos e a namorada.*

Minha mãe: *é tudo, tudo mesmo para mim.*

Neste bloco de frases, as expressões afetivas relacionadas à família são positivas. Caso a análise se reduza a um critério de frequência, sem dúvida chegaríamos à conclusão de que sua relação com a família é positiva. No entanto, uma análise qualitativa da própria unidade selecionada para tal exemplo, colocamos diante de um quadro paradoxo, que é motivado por uma incongruência que não pode, nem deve ser resolvido em termos descritivos. A grande maioria das frases expressa uma positividade em relação à mãe, porém outros elementos seguintes falam sobre a relação com o pai, havendo um misto de amor e ódio em relação a ele.

Contém ainda uma informação muito significativa em relação à mãe que para ele “é tudo, tudo mesmo!”. Quando essa frase se une à característica de que os familiares são os únicos amigos dele, podemos tomar essa relação como um grande indicador da importância da família e da falta de habilidades sociais, embora partindo da definição sobre o sentido subjetivo, consideremos que o sentido subjetivo da família e da mãe não está limitado pelo espaço simbólico, nem real da mãe, mas integrado por sentidos subjetivos que foram gerados em outras zonas de sentido da vida de Eduardo e que se tecem e se integram na configuração subjetiva da família e da mãe.

Lamento: *ter tirado a vida de três pessoas.*

Meu maior medo: *de morrer do mesmo jeito que eu matei os outros.*

Sofro: *de remórcio.*

Fracassei: *toda a minha vida.*

Neste bloco de frases, Eduardo coloca o seu remórcio em relação aos homicídios cometido. Ter cometido isso, causa medo de que ele morra da mesma forma que ele matou. O sentido subjetivo relacionado aos homicídios é forte, pois as quatro frases estão relacionadas ao sentido que ele deu aos homicídios e sua relação com o fracasso de toda vida. Esse sentido subjetivo faz parte de uma zona de sentido que está relacionada com a dependência.

Escola: *é a base da vida.*

Meu futuro: *muito feliz normal sem as pessoas olharem atravessado.*

Desejo: *Sair da semi e arranjar um emprego para viver uma vida melhor.*

Secretamente eu: *queria montar uma discoteca.*

Eu: *vou arranjar um emprego, comprar um carro, reformar a casa e vou ser feliz.*

Eu prefiro: *ser do jeito que estou sendo agora.*

Meu problema principal: *arrumar um emprego.*

Meus estudos: *é uma coisa boa, porque eu estudando eu consigo alguma coisa na vida.*

Este conjunto de frases, diz sobre o sentido subjetivo da escola nesse momento de sua vida. Isto pelo fato de que Eduardo está começando a perceber que para ganhar esse amor e atenção, que ele tanto espera, tem que viver e agir da forma como a sociedade impõe. Está percebendo também que para ser percebido como alguém importante na vida é necessário que estude e consiga um bom emprego.

Há uma mudança no sentido subjetivo relacionado à escola e ao futuro. Eduardo quer que as pessoas o olhem diferente, não da forma como ele percebe que os outros o olham, mas de uma forma carinhosa, com amor e respeito. Mas se formos analisar detalhadamente este trecho, veremos que ele próprio tem preconceito do que fez. Isto pelo fato de colocar que seu futuro vai ser muito feliz e que para isso acontecer às pessoas não devem olhar atravessado para ele.

Quando coloca que sua preferência é ser do jeito que ele é agora, Eduardo coloca o sentido subjetivo de ser aceito socialmente, pois agora ele está se adequando as normas e regras sociais e, portanto sendo aceito, que como já foi visto anteriormente é o maior desejo de Eduardo.

Meu futuro: *está nas minhas mãos.*

Luto por: *minha dignidade.*

Minha opinião: *é que esses malandros todos façam o que eu estou fazendo.*

Sinto: *que eu vou conseguir tudo isso.*

O tempo mais feliz: *agora.*

Desejo de coração: *que Deus me abençoe nos meus sonhos.*

Eduardo traz nesse conjunto de frases, indicativos sobre planos para futuro, esses planos estão permeados de esperanças quanto à recuperação de sua dignidade. Expressa também que há um sentido subjetivo relacionado à forma que ele está lidando com seu presente e com seu futuro.

Há uma percepção de que seu futuro está nas suas mãos e que ele neste momento está procurando agir da forma como a sociedade quer, e por ser tão significativo esse momento ele coloca que o tempo mais feliz é agora e que todos os malandros façam que nem ele fez. Analisando a frase: *“Minha opinião: é que esses malandros todos façam o que eu estou fazendo.”* Vemos claramente que ele não se sente como um malandro, ele se põe fora desse grupo, no qual de certa forma ele faz parte. Eduardo mudou o sentido subjetivo que tinha em relação a si mesmo, pois neste momento não se vê como malandro.

Não consigo: *parar de fumar cigarro normal.*

Algumas vezes: *fumar maconha, algumas vezes.*

Este lugar: *só me deixa mais entediado e nervoso. Sendo assim só me dá vontade de usar maconha. Quando estou em casa não tenho necessidade.*

Meu maior problema: *cigarro*

Este bloco de frases, Eduardo coloca a dependência química e o sentido subjetivo das drogas em e sua vida. O fato de não conseguir parar de fumar cigarro normal e maconha algumas vezes, deixa claro o sentido que essas tem em sua vida. Este sentido está relacionado à ansiedade existente e a angústia por ele sentida. Essa angústia e a ansiedade se relacionam com a solidão sentida por ele. A droga nesse sentido serve como fuga para essa realidade tão angustiante, sendo essa momentânea e por isso causadora de dependência.

Minha preocupação principal: *minha mãe está sem emprego. Minha irmã é quem está nos sustentando. Preciso arrumar um emprego.*

Amo: *minha família.*

Considero que posso: estudar, me esforçar e dá uma vida melhor para minha família. Se eu perder minha mãe, eu não sei o que faço da vida.

Meu maior desejo: Construir minha família com uma boa estrutura. Quero dar tudo o que eu não tive para meus filhos.

O lar: é humilde, mas é o melhor lugar. É o único lugar que me sinto bem.

Meu filho: é tudo, é uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida

No futuro: com minha família, casado e indo fazer terapia no Ceub.

Neste bloco de frases, Eduardo coloca o sentido subjetivo de sua família e da sua preocupação com sua mãe. Diz que seu lar é o único lugar que ele se sente bem. Isso pode acontecer pelo fato de Eduardo sentir segurança em sua casa, e com sua família.

Pensa ter uma família e continuar o processo terapêutico, sabe que precisa estudar para poder dar uma vida melhor para sua família. A frase: “*Meu maior desejo: Construir minha família com uma boa estrutura. Quero dar tudo o que eu não tive para meus filhos*”. O sentido subjetivo relacionado a família, traz um grande problema. Eduardo deposita suas esperanças de sentir –se pertencente a uma família, quando tiver a sua.

Na frase: “*Meu filho: é tudo, é uma das melhores coisas que aconteceu na minha vida*”, coloca que seu filho tem um grande sentido na sua vida, pois é por meio dessa relação que procura um resgate da sua relação com seu pai-padrasto. Tem nele também, a esperança de que sua vida mude através do filho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou mostrar a dependência química na adolescência e como a subjetividade e a família influenciam nesse processo. Isto foi realizado por meio do estudo de caso de Eduardo.

Depois de todos encontros realizados com Eduardo, onde foram trocadas informações sobre sua história de vida, sua forma de perceber e sentir o mundo, suas preocupações do presente e do futuro, o sentido subjetivo que sua mãe e seu pai tem em sua vida, entre outros, podemos avaliar que o sentido subjetivo que o sujeito dá a família, a forma como este percebe e sente sua história de vida e a sua subjetividade geral, é o que define se o adolescente vai ou não virar dependente.

Verificamos que a dependência química nesse caso, foi causada por diversos fatores inter-relacionados que juntos formam um sentido subjetivo para a dependência química de Eduardo. Este foi influenciado por seus amigos, por procurar neles o que não tinha em casa, apoio, compreensão, carinho e atenção. E a forma como conseguiu entrar no grupo foi por meio do consumo de drogas.

O grupo, segundo muitos autores, é de extrema importância nessa fase da vida, pois é nele que nos mostramos e somos aceito da forma como somos. Muitos adolescentes, por terem um sentido subjetivo distorcido de suas relações familiares, recorrem aos grupos como forma de conseguir o que percebem não ter em casa.

A família por sua vez, tem seu papel na produção da dependência química, pois é por meio dela que o indivíduo aprende a se relacionar, a perceber e sentir. Segundo foi visto nesse estudo, ficou claro a grande influência da família na construção dessa dependência. Isto porque as relações familiares são permeadas de segredos que geram inseguranças, de conflitos e distorções de percepção.

Uma das causas mais importantes, relacionadas à dependência química é o fato do sujeito ter na sua vida e suas relações um sentido subjetivo que permeia todas suas percepções e relações. Estes sentidos são aglomerados em zonas de sentidos que dão significados a esses sentidos.

Há também um fator muito interessante mencionado por Eduardo é o fato de ter descoberto que seu pai-padrasto não é seu pai verdadeiro. Eduardo trouxe isso de forma extremamente emocionada. Podemos perceber que há um grande sentido subjetivo nesse fato, pois Eduardo começa a entrevista falando sobre como começou

a usar drogas e logo passa para um assunto que no momento tem grande sentido subjetivo, pois mexe com zonas de sentido básicas dele.

Verificamos que a dependência química não é causada de forma linear, é um processo determinado por diversos fatores: emocionais, culturais, sociais, religiosos e da própria história do sujeito. Verificamos ainda que alguns aspectos são fundamentais na construção da dependência química. Entre eles destacamos a emocionalidade de cada sujeito, sua subjetividade e seus sentidos subjetivos relacionados à família e amigos.

Percebemos que Eduardo tem uma enorme carência de afeto paterno, pois traz em diversos momentos a falta de afeto e a relação conturbada que mantêm com este pai, trazem também a fome tanto fisiológica como de emocionalidade. Essa fome está em diversos contextos da vida de Eduardo, pois este sente a fome em sentido amplo.

Um estudo sobre as causas da dependência química na adolescência é de fundamental importância em um momento que a oferta e o consumo de drogas está grande, e que a idade que o sujeito começa a usar drogas está diminuindo.

Consideramos positivo o fato de por meio desse estudo, compreendermos em quais dimensões o significado da dependência está associado ao social, ao individual, ao familiar e ao subjetivo. Assim como a configuração de sentidos relacionados e que permitem fazer da dependência química uma nova forma de subjetividade que leva o sujeito a novos comportamentos e posicionamentos frente à vida.

Cada ser humano é único e por isso não podemos prever quem vai virar dependente e nem exatamente que causa a dependência, o fato que é que cada qual tem sua subjetividade, sendo esta passível de mudanças.

O principal valor do estudo de caso é o aprofundamento de um caso que facilita o desenvolvimento de novas teorias sobre a compreensão do tema pesquisado, pois se cada ser humano é único não temos como delimitar um único modelo teórico para as causas da dependência química.

Essas teorias se transformam em modelos norteadores de novas práticas e que facilitam a significação de novas dimensões do problema impossíveis de serem analisadas e captadas numa perspectiva mais extensiva de pesquisa. A pesquisa qualitativa nos proporciona um aprofundamento das reais causas da dependência.

Apareceu no estudo de caso, um fato que na maioria das vezes está relacionada ao consumo de drogas ou dependência química, que é a marginalidade. Este fato apareceu muitas vezes na fala de Eduardo, o que nos leva a pensar que o social tem também um forte papel na construção da dependência química.

Este fato fez com que minha construção de informação não ficasse delimitada somente na subjetividade e no papel da família, mas também na análise de trechos do relato de Eduardo sobre a criminalidade e o tráfico de drogas.

Fica claro ao término desta pesquisa enriquecedora, a importância e a necessidade de termos mais pesquisas e trabalhos nessa área, que busquem a compreensão dos diversos fatores causadores da dependência química na adolescência e suas relações com a criminalidade e com o tráfico de drogas.

Para finalizar, saliento que o fato de ter utilizado a conversação como método de pesquisa, fez com que esta tivesse uma grandeza de detalhes sobre a subjetividade do adolescente dependente químico analisado e pudesse observar o direcionamento que este dá a conversação. Esse direcionamento é permeado de sentido subjetivo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Campos, D. M. S., Psicologia da Adolescência: normalidade e Psicopatologia. Petrópolis, vozes, 1985.

Barreto, L. M., Dependência Química: nas escolas e nos locais de trabalho. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed., 2000.

Bauer, M. W.; Gaskell, G., Tradução de Guareschi, P. A. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático, Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

Buzi, N.; Bordin, S.; Laranjeira, R.; Aconselhamento em dependência química. São Paulo: ROCA, 2004.

Fichtener, N., Prevenção, diagnóstico e tratamento dos transtornos mentais da infância e da adolescência: um enfoque desenvolvimental, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

Goldenberg, M., A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record,.2000.

Gonzalez Rey, F., Sujeito e subjetividade: Uma aproximação histórico – cultural. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

Gonzalez Rey, F., Pesquisa Qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.

Griffith, E. e Lader, M., tradução Rose Eliane Slarosta, A natureza da Dependência de drogas. - Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Kalina, E. , Grymberg, H. , Aos pais de adolescentes: viver sem drogas. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1999.

Laville, C.; Dionne, J., A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artemed, 1999.